

1.3 • Conjuntura Internacional

A economia europeia

Pedro Pinto

A ZONA EURO enfrentou neste primeiro semestre de 2015 o seu maior desafio desde a queda do Muro de Berlim, com uma crescente incerteza quanto ao futuro da moeda única, a sua solidez e crença num projecto indivisível, sem brechas nem lacunas, onde facilmente os mercados apostariam na próxima economia a cair.

Seis meses de longas negociações com o novo governo grego, liderado pelo Syriza, redundaram num terceiro resgate e a mesma receita dos últimos cinco anos: a exigência de verdadeiras reformas na economia grega, mais austeridade e a injeção de um novo empréstimo, desta vez de oitenta e seis mil milhões de euros, praticamente o mesmo que foi entregue à economia portuguesa em 2011.

Por enquanto, a Grécia continua na Zona Euro, embora as divisões entre os governos europeus – mesmo entre o próprio executivo alemão, com o espriar da convicção de que a Grécia deveria ser ajudada a estar uns anos fora da moeda única – não dissipem todas as dúvidas quanto ao eclodir de uma nova crise e tenham, naturalmente, limitado a confiança e o crescimento da Zona Euro.

Estagflação

Incerteza e desconfiança, que minaram qualquer hipótese de um arranque arrebatador, capaz de fazer a Europa descolar em definitivo dos anos de crise, são as palavras de ordem. Tudo numa altura em que a Zona Euro luta, igualmente, contra o fantasma

da estagflação, essa mistura anestésica de deflação com estagnação, que o Japão sentiu na pele durante vários anos depois da crise financeira de 1997.

De uma forma lesta, o Banco Central Europeu estendeu a sua política de Quantitative Easing à compra de dívida soberana, num derradeiro esforço para agitar a actividade económica e gerar um aumento de preços, cuja queda é permanente desde Setembro do ano passado. A Zona Euro terminou o ano de 2014 com o valor negativo de 0,3%.

Ainda assim, asfixiada também pelo peso das dívidas soberanas, amparou-se ao longo do último ano num inesperado aliado: a descida do preço do petróleo nos mercados internacionais, cuja tendência se acredita que seja para manter, pelo menos, até ao final do próximo ano.

Crescimento atrás do resto do mundo

O crescimento da Zona Euro em 2014, agora a dezanove países, atingiu 0,9%, em contraste com uma contracção de 0,5% no ano anterior. Números abaixo do global da União Europeia, cujo aumento do produto se cifrou em 1,3%.

Apesar de as perspectivas para 2015 e 2016 serem mais animadoras, não escondem uma fraqueza persistente: a Zona Euro fica a perder quando comparada directamente com as restantes economias mais desenvolvidas. O seu andamento deverá ser metade do que irá alcançar a economia dos Estados Unidos, e ficará igualmente abaixo daquilo que o Reino Unido vier a fazer, bem como a Europa a vinte e oito países, aquém do Canadá e apenas um pouco melhor que o Japão. Dentro do espaço da Zona Euro, destaque para a Irlanda e a Espanha, cujos programas de ajustamento terminaram e apresentam agora taxas de crescimento acima da média europeia. Também a Grécia apresenta valores que se destacam, embora a instabilidade que rodeia a sua economia suscite alguma reserva. Quanto a Portugal, figura igualmente na tendência alargada de recuperação, embora com valores mais modestos, em linha com a média da Zona Euro.

Desemprego assimétrico e persistente

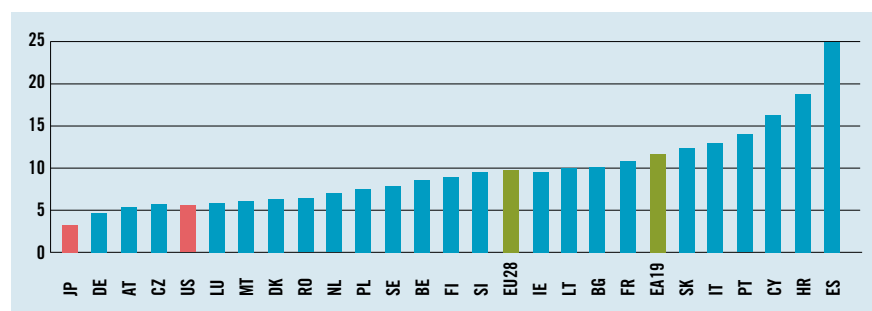
Embora a tendência de declínio se tenha mantido na Zona Euro em matéria de desemprego, há ainda um longo caminho a percorrer até serem atingidos os valores anteriores à crise de 2007, quando a sua média estava nos 7,2% e toda a União se mantinha nos 6,8%.

Um problema económico com as inevitáveis consequências em matéria de estabilidade política e social, com a falta de emprego a atingir um terço entre os mais jovens nos países mais afectados pela crise dos últimos anos, objecto de intervenção externa ou no limiar de uma ajuda internacional: Itália, Portugal, Espanha, Chipre e Grécia.

	2013	2014	Projeções		Update desde Janeiro de 2015	
			2015	2016	2015	2016
Output mundial	3.4	3.4	3.5	3.8	0.0	0.1
Economias avançadas	1.4	1.8	2.4	2.4	0.0	0.0
Estados Unidos	2.2	2.4	3.1	3.1	-0.5	-0.2
Zona Euro¹	-0.5	0.9	1.5	1.6	0.3	0.2
Alemanha	0.2	1.6	1.6	1.7	0.3	0.2
França	0.3	0.4	1.2	1.5	0.3	0.2
Itália	-1.7	-0.4	0.5	1.1	0.1	0.3
Espanha	-1.2	1.4	2.5	2.0	0.5	0.2
Japão	1.6	-0.1	1.0	1.2	0.4	0.4
Reino Unido	1.7	2.6	2.7	2.3	0.0	-0.1
Canadá	2.0	2.5	2.2	2.0	-0.1	-0.1
Outras economias desenvolvidas²	2.2	2.8	2.8	3.1	-0.2	-0.1
Mercados emergentes e economias em desenvolvimento³	5.0	4.6	4.3	4.7	0.0	0.0
Comunidade de Estados Independentes	2.2	1.0	-2.6	0.3	-1.2	-0.5
Rússia	1.3	0.6	-3.8	-1.1	-0.8	-0.1
Excluindo a Rússia	4.2	1.9	0.4	3.2	-2.0	-1.2
Ásia emergente e em desenvolvimento	7.0	6.8	6.6	6.4	0.2	0.2
China	7.8	7.4	6.8	6.3	0.0	0.0
Índia	6.9	7.2	7.5	7.5	1.2	1.0
ASEAN-5⁴	5.2	4.6	5.2	5.3	0.0	0.0
Europa emergente e em desenvolvimento	2.9	2.8	2.9	3.2	0.0	0.1
América Latina e Caríbas	2.9	1.3	0.9	2.0	-0.4	-0.3
Brasil	2.7	0.1	-1.0	1.0	-1.3	-0.5

Valores e projecções do World Economic Outlook (em %).

Fonte: Uneven Growth Short and Long Term Factors (April 2015), (disponível em <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/pdf/text.pdf>).



Desempregados no total da população activa (em %) em Maio de 2015.

Fonte: Eurostatistics Data for short-term economic analysis (07/2015), p. 87 (disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/3217494/6909414/KS-BJ-15-007-EN-.pdf/c85badcb-52ec-4ad4-bfc3-a671fb19937e>).

	PIB REAL			PREÇOS NO CONSUMIDOR			SALDO EM CONTA CORRENTE			DESEMPREGO		
	2014	2015	2016	2014	2015	2016	2014	2015	2016	2014	2015	2016
Europa	1.5	1.9	2.1	1.1	0.5	1.6	1.8	2.2	1.9
Europa desenvolvida	1.3	1.7	1.8	0.6	0.1	1.1	2.2	2.6	2.4	10.2	9.7	9.3
Zona Euro ⁵	0.9	1.5	1.6	0.4	0.1	1.0	2.3	3.3	3.1	11.6	11.1	10.6
Alemanha	1.6	1.6	1.7	0.8	0.2	1.3	7.5	8.4	7.9	5.0	4.9	4.8
França	0.4	1.2	1.5	0.6	0.1	0.8	-1.1	-0.1	-0.3	10.2	10.1	9.9
Itália	-0.4	0.5	1.1	0.2	0.0	0.8	1.8	2.6	2.5	12.8	12.6	12.3
Espanha	1.4	2.5	2.0	-0.2	-0.7	0.7	0.1	0.3	0.4	24.5	22.6	21.1
Holanda	0.9	1.6	1.6	0.3	-0.1	0.9	10.3	10.4	10.1	7.4	7.2	7.0
Bélgica	1.0	1.3	1.5	0.5	0.1	0.9	1.6	2.3	2.4	8.5	8.4	8.2
Austria	0.3	0.9	1.6	1.5	1.1	1.5	1.8	1.9	1.8	5.0	5.1	5.0
Grécia	0.8	2.5	3.7	-1.4	-0.3	0.3	0.9	1.4	1.1	26.5	24.8	22.1
Portugal	0.9	1.6	1.5	-0.2	0.6	1.3	0.6	1.4	1.0	13.9	13.1	12.6
Irlanda	4.8	3.9	3.3	0.3	0.2	1.5	6.2	4.9	4.8	11.3	9.8	8.8
Finlândia	-0.1	0.8	1.4	1.2	0.6	1.6	-0.6	-0.3	-0.3	8.6	8.7	8.5
Eslováquia	2.4	2.9	3.3	-0.1	0.0	1.4	0.2	0.4	0.4	13.2	12.4	11.7
Lituânia	2.9	2.8	3.2	0.2	-0.3	2.0	-0.4	0.2	-0.8	10.7	10.6	10.5
Eslovénia	2.6	2.1	1.9	0.2	-0.4	0.7	5.8	7.1	6.5	9.8	9.0	8.3
Luxemburgo	2.9	2.5	2.3	0.7	0.5	1.6	5.2	4.7	4.6	7.1	6.9	6.7
Letónia	2.4	2.3	3.3	0.7	0.5	1.7	-3.1	-2.2	-3.0	10.8	10.4	10.2
Estónia	2.1	2.5	3.4	0.5	0.4	1.7	-0.1	-0.4	-0.7	7.0	7.0	6.8
Chipre	2.3	0.2	1.4	-0.3	-1.0	0.9	-1.9	-1.9	-1.4	16.2	15.9	14.9
Malta	3.5	3.2	2.7	0.8	1.1	1.4	2.7	3.1	3.1	5.9	6.1	6.3
Reino Unido	2.6	2.7	2.3	1.5	0.1	1.7	-5.5	-4.8	-4.6	6.2	5.4	5.4
Suíça	2.0	0.8	1.2	0.0	-1.2	-0.4	7.0	5.8	5.5	3.2	3.4	3.6
Suécia	2.1	2.7	2.8	-0.2	0.2	1.1	6.3	6.3	6.3	7.9	7.7	7.6
Noruega	2.2	1.0	1.5	2.0	2.3	2.2	8.5	7.6	7.0	3.5	3.8	3.9
República Checa	2.0	2.5	2.7	0.4	-0.1	1.3	0.6	1.6	0.9	6.1	6.1	5.7
Dinamarca	1.0	1.6	2.0	0.6	0.8	1.6	6.3	6.1	5.5	6.5	6.2	5.5
Islândia	1.8	3.5	3.2	2.0	0.9	2.1	4.7	6.1	4.7	5.0	4.0	4.0
San Marino	-1.0	1.0	1.1	1.1	0.4	0.9	8.7	8.4	7.9
Europa emergente ⁶	2.8	2.9	3.2	3.8	2.7	3.7	-2.9	-2.4	-3.0
Turquia	2.9	3.1	3.6	8.9	6.6	6.5	-5.7	-4.2	-4.8	9.9	11.4	11.6
Polónia	3.3	3.5	3.5	0.0	-0.8	1.2	-1.2	-1.8	-2.4	9.0	8.0	7.7
Roménia	2.9	2.7	2.9	1.1	1.0	2.4	-0.5	-1.1	-1.5	6.8	6.7	6.7
Hungria	3.6	2.7	2.3	-0.3	0.0	2.3	4.2	4.8	4.1	7.8	7.6	7.4
Bulgária	1.7	1.2	1.5	-1.6	-1.0	0.6	0.0	0.2	-0.8	11.5	10.9	10.3
Sérvia	-1.8	-0.5	1.5	2.1	2.7	4.0	-6.0	-4.7	-4.7	19.7	20.7	22.0
Croácia	-0.4	0.5	1.0	-0.2	-0.9	0.9	0.7	2.2	2.0	17.1	17.3	16.9

Valores e projeções do World Economic Outlook (em %).

Fonte: *Uneven Growth Short and Long Term Factors* (April 2015), (disponível em <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/pdf/text.pdf>).

GRÉCIA: AS CONTAS DO PROBLEMA EUROPEU

Três resgates, um perdão de dívida, 400 mil milhões de euros de empréstimos e cinco anos depois a Grécia volta a estar no centro de todas as atenções europeias.

A economia grega dá sinais de crescimento depois de uma queda que marcou os últimos anos: desde 2009 a Grécia perdeu 25% do seu PIB, apenas recuperando níveis de crescimento em 2014. Um quarto do valor perdido, evaporado numa espiral recessiva que derrubou governos e gerou uma crescente tensão social.

Se a queda do PIB foi vertiginosa, o crescimento do desemprego correu em sentido contrário: de uma taxa inferior a 10% no início da crise, os valores dispararam para 26,5%, com especial preocupação entre os mais jovens, em que um em cada três trabalhadores está desempregado. Não espanta que no recente referendo agendado pelo Syriza quanto às condições europeias para um novo resgate tenha sido o grupo etário entre os dezoito e os vinte e quatro anos o que mais massivamente votou contra as medidas de austeridade: quase 80% dos eleitores pertencentes a essa faixa etária.

Também a dívida pública não parou de crescer, praticamente ao mesmo ritmo que novos empréstimos iam chegando a Atenas: de 126% do PIB em 2009, o valor saltou para quase 180%, fazendo crescer a convicção de que a dívida é impagável e necessita de uma séria reestruturação capaz de desenhar uma nova tendência na Europa e aliviar outras economias asfixiadas como Portugal, Espanha ou Itália.

Por fim, o saldo das contas externas apresentou uma trajetória correspondente ao esperado com o programa de ajustamento: de um défice superior a 10% por cento do PIB, a Grécia equilibrou a sua Balança de Transacções Correntes, terminando 2014 com um excedente de 0,9%.

Uma análise mais pormenorizada faz ainda despontar uma outra realidade: França e Bélgica mantêm-se acima da linha dos 10%, para lá da média da União Europeia a vinte e oito países e com dobro do valor da Alemanha, o país europeu com a maior

taxa de empregabilidade e a única economia capaz de rivalizar com a norte-americana ou japonesa em matéria de desemprego.

Para além disso, sublinha-se uma dinâmica largamente assimétrica entre os diferentes países euro-

peus: crescente procura de mão-de-obra qualificada no centro e norte da Europa, lado a lado com um persistente desemprego estrutural nos países mais pobres do Sul.

Em termos globais, no espaço praticamente de um ano, a média do desemprego na Zona Euro caiu apenas quatro décimas para 11,4%. Valores elevados quando comparados com áreas económicas concorrentes e que constituem o grande desafio da Europa para os próximos anos: Japão e Estados Unidos apresentam taxas de desemprego com menos de metade do valor ostentado pela Zona Euro. ■

Notas

¹ Excluindo a Lituânia.

² Excluindo o G7 (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido, Estados Unidos) e a Zona Euro, mas incluindo a Lituânia.

³ Estimativas e projeções tendo em conta cerca de 80% das economias desenvolvidas e dos mercados emergentes.

⁴ Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia e Vietname.

⁵ Excluindo a Lituânia.

⁶ Inclui a Albânia, Bósnia-Herzegovina, Kosovo, Macedónia e Montenegro.